

PRECIOSA VIDA HUMANA – TARTARUGA

Referência: *Lam Rim, o Caminho Gradual para a Iluminação, Geshe Tempa Dhargey*

Há uma tartaruga cega que vive no fundo do oceano. A tartaruga sobe à superfície apenas uma vez a cada 100 anos. Imagine que na superfície do mar há um anel de ouro flutuando, mas que muda de lugar de acordo com as ondas, em movimento contínuo.

Obter um perfeito renascimento humano é tão improvável quanto a tartaruga cega, que sobe à superfície do mar uma vez a cada 100 anos, enfiar a cabeça no anel de ouro flutuante.

Neste exemplo, o anel de ouro simboliza os ensinamentos do Buddha, que estão em movimento contínuo de um país a outro. A tartaruga cega representa-nos. Subir à superfície e enfiar a cabeça no anel de ouro simboliza nosso contato com os ensinamentos do dharma.

Se esta tartaruga saísse à superfície todos os dias, teria mais chances de encontrar o anel. Sair uma vez a cada 100 anos é comparável às poucas vezes que se consegue o perfeito renascimento humano. Portanto, encontrar os ensinamentos de Buddha é algo extremamente raro.

Referência: *Liberação na palma de sua mão, Pabongka Rinpoche, página 281-282, Ano 2006.*

Geshe Potowa afirmou em suas Analogias: “Gramas no telhado de uma torre; no pescoço de uma tartaruga...”, significam o seguinte:

Este é o sentido de “pescoço de uma tartaruga”: Suponhamos que exista uma canga de ouro flutuando no grande oceano, ao sabor do vento. A canga tem apenas uma abertura, e uma tartaruga cega que vive no oceano eleva a cabeça para fora da superfície da água apenas uma vez a cada cem anos. A cabeça da tartaruga provavelmente não atingiria a canga. Estamos similarmente no grande oceano do saṃsāra. Devido ao poder de nossas delusões, os olhos de nossa sabedoria estão fechados, e normalmente vagamos de um estado a outro nos reinos inferiores. Ocasionalmente, libertamo-nos dos reinos inferiores e atingimos o raro renascimento em um estado humano em virtude das leis da probabilidade. Mas o mundo é enorme e há mundos em todos os pontos cardeais e intermediários; não se pode ter certeza de onde, nesses mundos, os ensinamentos dos budas florescerão ou para onde irão. Os ensinamentos são como a canga de ouro, e encontrá-los também é extremamente raro.

Se a tartaruga nadasse sempre na superfície do oceano, é provável que encontrasse a canga de vez em quando; mas como vem à tona a cada cem anos, só o encontrará uma vez. Se, como na analogia, obtivermos renascimentos humanos com frequência, poderemos conhecer os ensinamentos de um buda onde quer que ocorram. Porém, esse não é o caso: apenas ocasionalmente recebemos um ou dois renascimentos humanos.

Se a canga de ouro permanecesse por longo tempo em um único local, a tartaruga não surgiria no local exato, mas pelo menos haveria uma chance de que atingisse o lugar certo algumas vezes e, assim, encontrasse a canga. Mas esse não é de fato o caso: a canga movimenta-se aleatoriamente em todas as dez direções na imensa extensão da superfície do oceano. E, conforme a analogia, se os ensinamentos de Buda sempre permanecessem

no mesmo mundo, nós possivelmente os encontraríamos algumas vezes durante um renascimento humano. Porém, não podemos ter certeza de que os ensinamentos de Buda permanecerão em determinado mundo. De toda forma, esses ensinamentos permaneceriam ali apenas por um curto período.

Não se pode afirmar que a canga e a tartaruga nunca se encontrem, mas é quase certo que não. Obter um perfeito renascimento humano é ainda mais raro, mas isso não impede que ocorra antes do final do saṃsāra.

Os elementos desta analogia são entendidos como significando o seguinte: O oceano é o nosso estado saṃsárico; a tartaruga somos nós mesmos, com a nossa cegueira, ignorância; a canga, os ensinamentos de um buda; e assim por diante. Essa interpretação da contemplação da dificuldade de receber o perfeito renascimento humano é uma tradição oral decorrente de Je Drubkang Geleg Gyatso.